

suas mamoadas, à toponímia com a nomenclatura das suas demarcações, à glotologia com a sua linguagem, à literatura com o seu estilo, ao direito com a sua revelação de antigas instituições, penalidades e costumeiras, à história geral com os nomes das personagens que nêles intervêm; para um passo apenas nós chamaremos a atenção do estudioso: é aquele onde no Documento II, logo no princípio, se faz menção de três *vicarios . . . gubernans terram portugallense: Didaco Arverendiz, Fernando Johannes, e Teton Teliz.*

Precioso subsídio para a pre-história da nacionalidade!

O primeiro documento, como dissemos, possuímo-lo no original; o segundo em cinco diferentes públicas-formas, das quais a mais moderna é de 1602; para a sua publicação seguimos a mais antiga, ainda que mutilada no fim, completada e confrontada com as outras.

O resto do artigo foi escrito também à face dos documentos do mesmo cartório dos senhores de Mazarefes, que igualmente conservamos em nosso poder.

Ao Ex.^{mo} S.^{or} D.^{or} P. Laranjo Coelho, eruditíssimo conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, cumpre-nos agradecer, penhoradíssimos, a revisão que, com a sua proverbial gentileza, se prestou fazer dos dois documentos publicados, honrando-nos desta maneira desinteressada com a sua preciosa colaboração.

(D. ANTÓNIO) CONDE DE SÃO PAYO.

Lapide funeraria romana

1

«Na quinta do Corge¹, proximidades da primitiva Covilhã (Silia Ermia) foi descoberta, ha poucos dias, uma sepultura, cavada em parte na rocha, em parte feita de cantaria, e que se encontrava toda ella soterrada. Numa das pedras, e pelo lado de dentro, lêem-se os seguintes caracteres:

AVITAP · LVCI · F
LVAL · SATVRNINVS
ET · TVSCA · AVITI · F ·
MATRI · F · C

Haverá algum perito, amador de antiguidades, que queira dar-nos a decifração d'estas palavras?»

(D'A Mocidade Portuguesa (Covilhã), 5-xii-1926).

¹ Assim *Corge*, e não *Corgo*.

2

«Museu Etnologico Português, Belem, 14-XII-1926.— Ex.^{mo} Sr.— Tendo recebido hoje d'af um bilhete postal, assinado por *um Covilhense*, em que me pedia a decifração da inscrição publicada na *Mocidade*, de que me remetêra um exemplar, aqui a dou, salvo melhor juizo:

A inscrição é romana, porém não está exactamente copiada.

A 1.^a palavra da 1.^a linha deve ser AVITAE.

Na 2.^a linha deve haver talvez um ponto depois da 1.^a letra.

Diz: Lucio Valerio Saturnino, e Tusca, filhos de Avito, mandaram fazer (esta sepultura) a sua mãe Avita, filha de Lucio.

Se publicar a inscrição, peço o favor de me remeter um exemplar do jornal.

De V. Ex.^a, Att.^o e Vend.^{or}—*D.^{or} José Leite de Vasconcellos*, Director do Museu Etnologico».

(Do mesmo jornal, de 19-XII-1926).

3

Ao mesmo tempo que enviei o artigo para o jornal da Covilhã, escrevi ao meu prezado amigo o S.^{or} Alberto de Oliveira, Chefe da Secretaria da Camara Municipal, e pedi os seus esforços no sentido de me obter a lapide para o Museu Etnologico. A sua resposta não se fez esperar, e nela me prometia tratar do caso. Tratou de tal modo, que pouco depois me participava que o dono da quinta, o S.^{or} ARNALDO TEIXEIRA CASTEL-BRANCO, com generosidade digna de todo o aprêço e louvor, oferecêra a lapide ao Museu, que veio para cá em seguida.

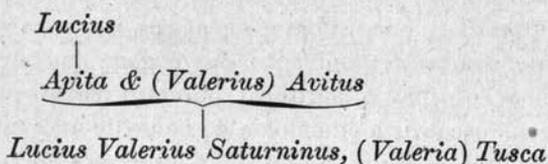
A lapide é de granito; tem fôrma rectangular e as seguintes dimensões: comprimento 0^m,75; largura 0^m,43; espessura 0^m,18. Foi registada no livro das entradas de objectos do Museu com o n.^o 6:957.

A inscrição está em quatro linhas e diz:

AVITAE · LVCI · F
L · VAL · SATVRNINVS
ET · TVSCA · AVITI · F
MATRI · F · C

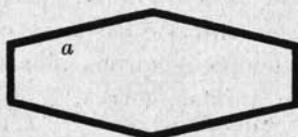
Devo observar que a última letra da 1.^a linha é realmente F, como eu supus no meu primeiro artigo, e não P; depois do F há uma depressãozinha na pedra, que dá a illusão de que a letra é P, mas

examinando a linha com cuidado, e sobretudo lavando a lapide, vê-se F muito claro. Pelo tipo da letra, a inscrição pertence ao seculo 1. A tradução dei-a já no referido artigo. Basta observar que se Lucio Saturnino tinha o nome gentilicio de *Valerius*, tambem a irmã e o pai o tinham; por isso reconstituo assim a arvore geneologica da familia:



*

Visto que a lapide, de que se trata, fazia parte de uma das paredes laterais da sepultura, e a inscrição estava pelo lado de dentro, é claro que esta não pertencia propriamente á sepultura, e que a lapide fôra aproveitada de uma sepultura de data anterior para outra, que é a presente. Segundo me informa o S.^{or} Oliveira, a nova sepultura estava coberta por uma pedra (ou mais) um tanto alisada, tinha de comprimento 1^m,80, pouco mais ou menos, e apresentava a seguinte fórma:



correspondendo a inscrição á pedra aqui designada por *a*.

A segunda ou nova sepultura deve datar do periodo cristão, como se infere da sua fórma.

4

Não ha razão nenhuma para afirmar que a primitiva Covilhã foi *Silia Ermia*, como se diz na *Mocidade* (vid. supra, cap. 1), certamente por causa do que vem em Moura Quintella, *Subsidios para a monographia da Covilhan*, Covilhã 1899, p. 13: «Alguns auctores, dos que eu li, dizem que Covilhan foi fundada na Costa dos Hermínios (Serra d'Estrella), pelos annos 41 antes de Christo, com o nome de *Silia Ermia* ou *Herminia*». Nada d'isto tem fundamento.

Em primeiro lugar, não se sabe onde ficava situado o *mons Herminius*: cf. *Relig. da Lusit.*, II, 34 e nota 5. Identificá-lo com a Serra da Estrela não passa de arbitrio. Em segundo lugar, não me consta que na geografia antiga haja alguma povoação chamada *Silia*, *Ermia*, *Hermia* ou *Herminia*. O que ha é uma *gens Silia*, uma *gens Ermia*, e uma *gens Herminia*; mas que tem isto como nosso caso?

Os autores de monografias geograficas preocupam-se muito frequentemente com a determinação da origem das terras. O desejo da determinação é muito meritorio, porém o metodo não. Em regra supõe-se que descobrir a etimologia do nome de uma terra é o mesmo que decifrar uma charada, e que se ha-de ir pois ao acaso. Contudo, para se descobrir uma simples etimologia é preciso não raramente conhecer uma sciencia inteira, isto é, a Filologia, e nem sempre quem a conhece acerta! Com o descobrimento da origem do nome corre parellas o da origem da respectiva povoação. Ora em regra a origem de uma povoação, salvo casos especiais, não póde determinar-se. Relativamente a povoações vindas da antiguidade, podemos quando muito, dizer ás vezes que tal nome corresponde a tal lingua e a tal povo. Quem fundou Lisboa, Evora, Coimbra, Braga? Da Covilhã consta que D. Sancho I a restaurou (*Leges*, p. 456); mas contra a filha do Conde Julião já eu me insurji n-*O Arch. Port.*, XXII, 326-327, e escuso de repetir aqui o que lá escrevi. Muitas povoações não têm fundadores propriamente ditos: um individuo fez uma casa para aí habitar, outro fez outra, e assim se criou a pouco e pouco um nucleo que com o tempo se tornou aldeia, vila, cidade. Outras povoações nasceram de quintas, tórres, igrejas, conventos: e nasceram insensivelmente.

Os autores de monografias andariam bem se se circunscrevessem na afirmação d'aquilo que puderem documentar. Querer produzir asserções historicas sem documentação, ou sem razões logicas, é como que edificar em bolhas de sabão.

5

Do achado da lapide romana e da publicação da inscrição na *Mocidade Portuguesa*, resultou o vir eu a relacionar-me epistolarmente com o S.^{or} D.^{or} Silvestre de Moraes, que, como depois soube, foi o *Covilhanense* que assinou o bilhete a que me referi no cap. 2; e folgo de neste lugar prestar a minha homenagem ao preclaro autor d'*O universo e a vida* e dos *Mysterios e symbolos*, tanto mais que, se não fôsse ele, eu não tomaria conhecimento d'essa lapide, nem pois o Museu a obteria.

*

Para terminar, encareço mais uma vez o serviço que o S.^{or} Arnaldo Teixeira Castel-Branco prestou ao Museu Etnologico e á Arqueologia, não só evitando que a lapide se perdesse, mas permitindo que, por intermedio do seu e meu amigo o S.^{or} Alberto de Oliveira, a lapide viesse para Belem. Como se vê do que fica exposto, constitue ela documento seguro da existencia de Romanos no aro da Covilhã, o que vale muito mais do que a fábula de *Silia Herminia*.

J. L. DE V.

Notulas Ceramográficas¹

I—Um vaso pintado, de Lamego

De entre os vasos luso-romanos oferecidos ao Museu de Antropologia da Universidade do Pôrto pelo S.^{or} D.^{or} Vasco Nogueira de Oliveira, vamos descrever um (fig. 1), em cuja etiqueta se lia: «*Vasos [2] encontrados dentro de túmulos, dez palmos abaixo dos alicerces do Convento dos Eremitas de S.^{to} Agostinho, sito no Campo do Tablado, de Lamego, em 1852*», e que logo nos chamou a atenção por apresentar um «graffito» e restos de pintura.

O segundo vaso, a que se refere a legenda, está na posse do S.^{or} D.^{or} Vasco Nogueira. Tem o bocal largo e uma asa, e é de barro negro, com a superfície coberta de ornatos lineares brunidos (produzidos pela fricção de um seixo). Distingue-o a inscrição IVNI SEVERI, gravada a traço firme em maiúsculas. Conheço vasos do mesmo formato e com ornatos iguais de: *Alvarelhos, Guilhabreu, Guifões, Oldrões, Outeiro e Feira Nova*², de que a seu tempo nos occuparemos.

¹ Nestas nótulas ir-se hão arquivando, pouco a pouco, vasos e outros produtos figulinos que se encontram dispersos ou provêm das nossas explorações. Aparecerão assim notícias sobre: cerâmica pintada, incisa e estampada; colecções de vasos; *pondera, tesserae, tegulae, imbrices*, etc., acompanhadas da respectiva bibliografia.

² «Feira Nova» (Marco de Canaveses) publicado pelo S.^{or} D.^{or} J. Leite de Vasconcellos na *Historia do Museu Etnologico Português*, Lisboa 1925, na fig. 93, est. XIII. O vaso de *Outeiro* (Marco de Canaveses) vi-o no *Museu de Guimarães*; o de *Guilhabreu* na colecção